

O exílio pátrio e identitário:
contribuições literárias de **Portagem**,
de Orlando Mendes, e **Milandos de um sonho**,
de Bahassan Adamodjy, para uma sociologia
da emigração/imigração moçambicana*

*Sheila Khan***

Resumo

Neste artigo, procura-se discutir, sob o ponto de vista socioliterário, as narrativas de vida e de identidade de imigrantes moçambicanos na diáspora Portugal/Inglaterra (KHAN, 2004). Desse modo, pretende-se transportar para o terreno deste trabalho as contribuições literárias de **Portagem**, de Orlando Mendes (1981), e **Milandos de um sonho**, de Bahassan Adamodjy (2001), autores moçambicanos, assim como o contributo teórico/metodológico emergente da sociocrítica (ANGENOT, 1992; DANTAS, 2000; DUCHET, 1979), isto é, o estudo da sociabilidade do texto e da relação sociedade/literatura.

Palavras-chave: Hibridismo identitário; Aculturação; Narrativas de vida e de identidade.

* Este texto baseia-se numa comunicação apresentada no X Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, Simpósio Exílio e Migração, realizado no Rio de Janeiro, de 30 de julho a 4 de agosto de 2006.

** Universidade de Manchester/CES, Universidade de Coimbra.

Outros que não eu teriam falado de «raízes».
Não emprego esse vocabulário. Não gosto da palavra «raízes»
e da imagem ainda menos. As raízes enfiam-se na terra,
contorcem-se na lama, crescem nas trevas;
mantêm a árvore cativa desde o nascimento
e alimentam-na graças a uma chantagem:
“se te libertas, morres!”.
(MAALOUF, 2004, p. 9)

Diz George Steiner (*apud* SAID, 1990, p. 357) que a literatura ocidental do século XX foi, na sua natureza, “extraterritorial”, isto é, uma literatura estruturada a partir das experiências dos indivíduos que se exilaram.¹ Para George Steiner assim como para Edward Said, um dos grandes pensadores do exílio, o patrimônio literário do nosso século XX está, todo ele, baseado nos grandes fenômenos que incluem “the age of the refugee, the displaced person, [and] mass immigration” (SAID, 1990, p. 357). Contudo, o exílio como processo de separação, abandono, decisão de deixar para trás o que emocional e socialmente se tornou insuportável² pode adquirir outros rostos que, certamente, irão para além do caráter extraterritorial proposto por George Steiner. O exílio pode ser sentido, sugerido e estimulado em situações de uma intensa e inescapável interação entre o indivíduo e o seu espaço social, cultural e comunitário. Pode, muitas vezes, o indivíduo exilar-se cultural e identitariamente, buscando o silêncio como máscara protetora desse abandonar-se – no fundo, ato voluntário de uma vontade corajosa e que proíbe o “esquecimento do ser”. De fato, Milan Kundera reflete sobre a posição do sujeito face a esse seu esquecer-se, observando que:

¹ O próprio George Steiner (*apud* SAID, 1990, p. 357) assim sugeria sobre a literatura baseada nas narrativas individuais e coletivas do exílio: “it seems proper that those who create art in a civilization of quasi-barbarism, which has made so many homeless, should themselves be poets unhoused and wanderers across language. Eccentric, aloof, nostalgic, deliberately untimely”.

² Edward Said soube captar de uma forma peculiar o ato violento da decisão subjacente ao exílio, pois que para muitos sujeitos é preferível a perda de um território vivencial e comunitário, face a um confronto no qual a ruína do ser e a sobrevivência são dois inimigos em combate: “exile is sometimes better than staying behind or not getting out [...]” (SAID, 1990, p. 360).

O romance acompanha o homem constante e fielmente desde o começo dos tempos modernos. A “paixão de conhecer” [...] apoderou-se então dele para que perscrute a vida concreta do homem e a proteja contra o “esquecimento do ser”, para que mantenha o “mundo da vida” sob uma iluminação perpétua. (KUNDERA, 1987, p. 18)

Seguindo o rastro desse “mundo da vida”, desse movimento em busca de sentidos existenciais narrativos, surge a relação sociedade e literatura, assim também essa parêntese tão primordial na trajetória de qualquer ser humano, isto é, o vínculo narrativa e identidade. Nessa tecelagem feita de subjetividades o exílio constitui um fenômeno que pode ser abordado ora como extraterritorial – quando, efetivamente, os sujeitos desse agir abandonam o seu país de origem, deixando para trás as tradições, os costumes, as paisagens e os rostos de toda uma quotidianidade tida como eterna e intocável (cf. KHAN, 2004) –, ora como uma manifestação emocional, reflexiva e lírica, “pois que partir é também ficar, partindo-se” (LEITE, 2006, p. 15).

No seguimento deste preâmbulo, proponho uma reflexão sobre o exílio pátrio e identitário, socorrendo-me das contribuições literárias oriundas da literatura colonial e pós-colonial moçambicana, para um melhor entendimento do processo de emigração/imigração moçambicana no período pós-independência.³ No meu entender, o esquecimento teórico e metodológico votado pelas várias ciências sociais pode ser reparado pela literatura moçambicana, nomeadamente pelas obras **Portagem**, de Orlando Mendes (1981), e **Milandos de um sonho**, de Bahassan Adamodjy (2001). Ambas as obras comprometem-se, ainda que em tempos de produção distintos, a desnudar Moçambique, colocando na tela literária as cores dos problemas que habitavam e habitam esse país outrora colonial e atualmente politicamente designado “pós-colonial”. Nesse sentido, procura-se examinar, a partir do ponto de vista socioliterário, as narrativas de vida e de identidade de imigrantes moçambicanos na experiência migratória Portugal/Inglaterra, acomodando no âmbito deste trabalho os contributos literários de **Portagem** (MENDES, 1981) e **Milandos de um sonho** (ADAMODJY, 2001), sob o parâmetro teórico/metodológico emergente da sociocrítica (cf. ANGENOT, 1992; DANTAS, 2000; DUCHET, 1979), isto é, o estudo da sociabilidade do texto e da relação sociedade/literatura.

Um *pas de deux* moçambicano: narrativas de vida e de identidade e literatura

O estudo do fenômeno da emigração/imigração moçambicana tem sido vítima de uma distração, preguiçosamente alimentada pelas várias ciências sociais. Nomeio, por exemplo, a ausência de estudos quer sociológicos, quer

³ Considere-se como período pós-independência o posterior a 25 de junho de 1975.

históricos e antropológicos que visem à investigação da emigração/imigração moçambicana para Portugal/Inglaterra. Essa observação resulta de um estudo elaborado sobre o processo de emigração/imigração moçambicana (cf. KHAN, 2004) no período pós-independência em Moçambique, no trajeto migratório Moçambique/Portugal/Inglaterra. Partindo de um trabalho de compilação de entrevistas sobre narrativas de vida e de identidade de moçambicanos outrora classificados como “assimilados” pela terminologia colonial, verificou-se que para esses indivíduos o conceito de pátria e o de identidade representam momentos vivenciais impregnados de ambigüidade e dualidade. Para muitos desses homens e mulheres, Moçambique era, apesar das amarguras impostas pelo colonialismo, o seu berço de origem e o chão das suas identidades. A opção de deixar o seu solo africano no pós-independência moçambicano justificou-se por uma incompatibilidade entre as expectativas desses mesmos homens e mulheres e o projeto de uma nova sociedade proposto pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).⁴ Para muitos, Portugal era, logicamente, um espaço de continuidade cultural, lingüística e vivencial. A partida, quis o destino, tinha marcado encontro com o rosto do exílio: um exílio duplamente pátrio, porque, por um lado, Portugal se revelou um universo inóspito e desconhecido e, por outro, aquele Moçambique, ainda que colonial e no qual tinham semeado as sementes das suas vidas e sonhos, não mais falava a mesma língua de vida e de esperança sobre um futuro seguro. Contudo, o sabor do desconhecido não se esgotou apenas nessa perda pátria mas também na ausência de certeza e de serenidade quanto às suas identidades. Por exemplo, no seu livro de poemas intitulado *Os aromas essenciais* (2006), Guita Júnior partilha com o leitor as suas emoções e amarguras de um tempo convulso, instável e incerto do pós-independência moçambicano. Tivesse esse tempo a alma de um futuro feliz, a promessa de horas menos pesadas de insegurança, muitos homens e mulheres moçambicanos não teriam deixado a sua terra natal, esse punhado de terra que o mar Índico meigamente acaricia e que, num outrora não tão distante do agora, utopicamente sonhou como uma nova sociedade:

[...]
 as rochas também se desgastam
 a alma mesmo que de aço cede
 às intempéries mais finitas de sempre
 depomos flores nos ideais que nos foram
 moldando – fundações, andaimes e vazios. (JÚNIOR, 2006, p. 21)

Canta o poeta a sua dor e a sua angústia, que lírica e discursivamente se vão enredando com as experiências de vida e de identidade de muitos moçambicanos

⁴ Partido dirigente de Moçambique após a independência (25 de junho de 1975).

que, hoje, olham para Moçambique como o lugar que ficou para trás do seu presente, como seu cantinho térreo no Índico que viu brotar da Revolução os problemas que transformaram os sonhos em utopias e a euforia numa geração de solidão e de íntimos exílios. Mas esse confronto duro e árido não é sentido apenas poeticamente. Também a prosa moçambicana alertou para a difícil realidade que muitos viveram, quer durante o colonialismo português, quer no período pós-independência. Em **Portagem**, de Orlando Mendes (1981), e em **Milandos de um sonho**, de Bahassan Adamodjy (2001), ainda que ambas as obras tenham sido publicadas em tempos de produção distintos, é perceptível uma voz narrativa que se compromete, cruamente, em refletir com e sobre Moçambique, colocando na tela literária as cores dos problemas que habitavam e habitam esse país.

Em prefácio ao ensaio **A função simbólica da personagem**, de Agostinho Matias Goenha (2002), que tem como um dos objetos de análise a obra **Portagem**, de Orlando Mendes (1981), Calane da Silva observa que a investigação em questão permite ao leitor um avizinhar-se dos contextos e dos horizontes social e cultural “do mundo dos assimilados, dos mulatos e negros rejeitados socialmente pelos colonos” (SILVA, 2002, p. vii).⁵ De fato, esse engajamento literário com o social tem assumido um relevante lugar nos estudos da sociologia da literatura, mais especificamente na sua vertente que mais apela para o estatuto da sociabilidade no texto, nomeadamente a perspectiva sociocrítica de Angenot (1992), Dantas (2000) e Duchet (1979). Essa procura em imprimir o social no texto traduz-se por um “acerto” entre uma sociologia dos conteúdos ou temática e a dimensão estética do texto. No fundo, como observa Dantas (2000), o projeto de visualizar, analisar e problematizar o texto literário faz emergir a relação dinâmica, e nunca prepotente, entre o discurso social – ou a realidade extratextual – e a estética, a poética do texto – comumente designada “realidade intratextual”. Dessa simbiose entre sociedade e literatura nasce a sociabilidade do texto, que se estrutura em dois sentidos paralelos: por um lado, procurando perceber como o escritor/autor inscreve no texto suas preocupações, suas angústias, seus questionamentos de natureza social, cultural e econômica; por outro, investigando os modos como o texto consegue transformar e redimensionar os discursos sociais, tendo em conta que o texto “produz um sentido novo, transforma o sentido que o autor pretende simplesmente inscrever, deslocando os regimes do sentido, produzindo algo de novo, o não-

⁵ No seu ensaio sobre o exílio “Reflections on exile”, Edward Said procura aligeirar a negatividade normalmente associada a esse conceito, observando que: “While it perhaps seems peculiar to speak of the pleasures of exile, there are some positive things to be said for a few of its conditions. Seeing ‘the entire world as a foreign land’ makes possible originality of vision. Most people are principally aware of one culture, one setting, one home; exiles are aware of at least two, and this plurality of vision gives rise to an awareness of simultaneous dimensions, an awareness that – to borrow a phrase from music– is contrapuntal” (SAID, 1990, p. 366).

dito, o não-formulado, as contradições, os brancos [...] a partir dos quais emerge um novo sentido” (ROBIN, 1993, p. 7, tradução nossa).

Esse papel crítico e engajado do texto literário demonstra o envolvente compromisso da literatura com o universo social, cultural e econômico, que os autores nomeados para esta reflexão sobre o exílio identitário e pátrio conseguem espelhar ao eleger realidades históricas de um país que testemunhou um processo de colonização e pós-colonização. Contudo, esse compromisso com a realidade moçambicana durante o colonialismo português – Orlando Mendes, em *Portagem* (1981) – e no momento pós-independência – Bahassan Adamodjy, em *Milandos de um sonho* (2001) – reclama uma atenção, também cuidada, para uma outra relação emergente da interação sociedade/literatura, mais precisamente para o vínculo entre narrativa e identidade. Isto é, todos os elementos que compõem o trabalho de um escritor engajado com a realidade circundante não espelham meramente a sua vocação literária, a sua disposição para “deslocar os regimes de sentido” (DANTAS, 2000, p. 3), a sua vontade de “inventar um futuro” (DIAS, 1985/1986, p. 69) mas, simultaneamente, a sua intenção de se reconhecer como sujeito-portador de uma narrativa que dê sentido à sua trajetória de vida, quer coletiva, quer individual, quer, mesmo, fabulada (ROCHA, 1992) – no fundo, uma narrativa que lhe confira uma identidade ancorada nas raízes históricas, culturais e sociais de um povo (SOMERS, 1992, 1994; SOMERS; GIBSON, 1994). Sobre a natureza primordial do ser humano, escreveu Simone Weil (*apud* SAID, 1990, p. 364) que “to be rooted is perhaps the most important and least recognized need of the human soul”.

Os pensadores e os acadêmicos dedicados ao estudo da narrativa têm demonstrado que a relação entre os indivíduos, assim como entre estes e as variáveis espaço e tempo, não é estática e fixa. Pelo contrário, é uma relação constantemente reestruturada, repensada, reavaliada, em função da nossa posição no mundo, quer seja este interior – o mundo das emoções –, quer seja local, regional ou mesmo global. Desse modo, a identidade é socialmente construída, e a narrativa, o porta-voz da identidade, isto é, a forma que a identidade tem de se assumir na sua temporalidade, na sua espacialidade e na sua natureza interativa (KHAN, 2005). Somers (1992, 1994) e Somers e Gibson (1994), por exemplo, chamam a atenção para o fato de a narrativa ser um constituinte essencial na vida social de todos os indivíduos, sendo através dela que o indivíduo toma consciência de quem é, do que faz, o que lhe permite atribuir-se uma historicidade, um conhecimento de si e de todos aqueles com os quais interage. No entender dessas autoras, a vida social é por si historicizada – “storied” –, e a narrativa, a condição ontológica da vida social. Caminhando numa rota investigativa semelhante à de Somers e Gibson (1994), num artigo intitulado “Literature and culture identity”, Reinhold Viehoff elabora, com grande simplicidade e transparência, uma reflexão sobre o lugar da narrativa no universo das identidades dos seres sociais, ao definir que

[...] people construct identities – however multiple and changing – by furnishing their world with stories. Within such a story-embedded world experience is constituted through narratives. People make sense of what has happened and is happening to them by attempting to assemble or in some way to integrate these happenings within one or more narratives. (VIEHOFF, 1996, p. 312)

Partindo dos eixos teóricos propostos quer pela sociocrítica – oferecendo o conceito de sociabilidade do texto como um instrumento metodológico e operacional –, quer pela narrativa da identidade – sugerindo que a narrativa serve de suporte discursivo e ontológico da identidade –, como pensar as obras **Portagem** (MENDES, 1981) e **Milandos de um sonho** (ADAMODJY, 2001) como atos literários-pensantes das interações sociedade/literatura e identidade/narrativa? De que modo podem esses dois romances da literatura colonial e pós-colonial moçambicana informar o leitor, com legitimidade, das trajetórias de vida e de identidade dos moçambicanos e moçambicanas – outrora designados “assimilados” – que viveram o Moçambique colonial, o Moçambique independente, e que, no devir dos sonhos transformados em utopias, optaram por deixar o seu país de origem e iniciaram um contato tão doloroso quanto subjetivo, criativo e desafiante com o exílio pátrio e identitário, essa aprendizagem a que se refere Emile Michel Cioran (1986, p. 65-66): “l’exil, a ses debuts, est une ecole de vertige”? Finalmente, será que, mediante os relatos ainda que ficcionais de Orlando Mendes (1981) e Bahassan Adamodjy (2001), é possível descortinar a natureza múltipla e rica subjacente à idéia de exílio, partindo do pressuposto de que o processo de partir não está somente em diálogo com o fenômeno da desterritorialização e física (cf. STEINER, *apud* SAID, 1990, p. 357) mas começa nos cantos onde a identidade habita e aconchega-se, questiona-se, reinterpreta-se (SAID, 1990; SOMERS, 1994), longe da insegurança, do medo e da ausência de certezas?

Procurar-se-á dar resposta a essas questões, tentando, ao longo da análise dos dois romances eleitos, cruzar e entabular um diálogo entre os momentos ficcionais, em **Portagem** (MENDES, 1981) e **Milandos de um sonho** (ADAMODJY, 2001), e os momentos narrativos compilados através de entrevistas realizadas com imigrantes moçambicanos que deixaram Moçambique no pós-independência em direção a Portugal e, posteriormente, relegando dali suas vidas, elegeram a Inglaterra para um novo recomeço. Essas entrevistas foram realizadas no âmbito de uma investigação doutoral, sob o título **African Mozambican immigrants: narrative of immigration and identity, and acculturation strategies in Portugal and England** (KHAN, 2004).

Por uma questão de ética, importa salientar que os nomes dos entrevistados aqui citados foram previamente alterados, de modo a evitar qualquer possibilidade de identificação dos participantes. Além disso optou-se por citar, em paralelo, um excerto de uma das duas obras eleitas e um extrato de entrevista, aparecendo o nome fictício do(a) entrevistado(a), seguido da designação “emigrante/imigrante moçambicano(a)”, entre parênteses.

Chamo pátria de profundas veias
 a essa relação viva entre os homens se ela houvesse
 e não esta condição de anónima indiferença
 e de vaga identidade flutuante.
 (ROSA, 2001, p. 9)

Pas de deux moçambicano (ato I): *Portagem* e narrativas de identidade de emigrantes/imigrantes moçambicanos

Escreve Manuel Ferreira (1977, p. 103) que, “com **Portagem** (1965), Orlando Mendes publica o primeiro romance moçambicano”. Esse estudioso e pensador das literaturas africanas de expressão portuguesa demora-se na sua análise ao salientar que o universo diegético desse romance é a adaptação, ou inadaptação, do mulato numa sociedade moçambicana colonial, acrescentando que **Portagem** lança a sua âncora para o espaço vivencial do indivíduo mulato, que se caracteriza por ser um “elemento perturbado, [...] que] balanceia entre o envolvimento de relações europeizadas e o apelo africano que nele reside, se desenvolve, e termina, finalmente, por reencontrar-se, em definitivo, no seu destino histórico de africano” (FERREIRA, 1977, p. 103).⁶ Com um recente ensaio baseado nas “manifestações semânticas das personagens em **Portagem**, de Orlando Mendes [...]”, Agostinho Goenha (2002) desafia o leitor a uma viagem pormenorizada e historicamente tateável pelos “mundo[s] da vida” (KUNDERA, 1987, p. 18) daqueles que a terminologia colonialista portuguesa nomeou “assimilados” e que são por muitos simplistamente pensados e designados “mulatos”. Também eram “assimilados” alguns negros.⁷ Segundo a análise de Agostinho Goenha, **Portagem** é uma narrativa com um elevado teor de problematização social, já que o seu conteúdo focaliza-se nos problemas e angústias emocionais emergentes da interação entre negros, mulatos e brancos, na sociedade colonial moçambicana das décadas de 60 e 70. No entender de Goenha, a sociabilidade do texto fixa-se nessa força, não tanto estética,⁸ que procura esgravatar a realidade dos mulatos que João Xilim, protagonista do romance, representa e dolorosamente vive ao interagir quer com brancos, quer com negros. Com uma escrita sempre atenta ao pulsar sofrido e por vezes vertiginoso de João Xilim, Orlando Mendes (1981) usa o texto para “desterritorializar” o discurso social fixado na sua formalidade e organização coloniais e, desse

⁶ Reforçando a abordagem analítica de Manuel Ferreira (1977), ver também sobre a questão de reconciliação com o destino histórico africano a leitura proposta por Dias (1985/1986).

⁷ Ver um estudo detalhado sobre essa problemática em Penvenne (1989).

⁸ Segundo Carmen Dias (1985/1986, p. 67), “[**Portagem**] abre amplo espaço para uma reflexão produtiva que transcende o estético, fixando no âmbito narrativo conjunturas tão específicas e até significativas para uma visão problematizante do convívio entre as três raças postas em duplo conflito: (i) face às suas próprias relações interpessoais, (ii) face à voragem do capitalismo colonial que, aprofundando os vínculos de subserviência, vai agravando o preconceito racial”.

modo, transformá-lo num espaço literário que o leitor pode sentir e emocionalmente apalpar e tocar, porque João Xilim incorpora, como assevera Goenha (2002, p. 54), a “metáfora da dúvida”, a imagem dual, ambígua e quase sufocante do que é ser um sujeito portador de uma identidade que quer os brancos, quer os negros reconheçam como “uma raça infamada”, fruto de uma relação desigual entre o homem branco e a mulher negra – no romance, o pai de João Xilim é o Patrão Campos, e sua mãe, a Mãe Kati. Dessa forma, João Xilim “procura dolorosamente as raízes dos outros destinos que se entrelaçaram no seu. O erro fundamental que comprometeu a paz da sua vida foi o abraço da mãe Kati e de patrão Campos, esse abraço que fez dele um ser duma nova **raça infamada**” (MENDES, 1981, p. 160, grifo nosso).

Ao longo da diegese, Orlando Mendes (1981) denuncia, sem malabarismos estéticos e poéticos, a indefinição ontológica inerente ao *modus vivendi* dos mulatos na sociedade moçambicana colonial. Com uma força telúrica, o escritor engajado usa as palavras como para esculpir e, desse modo, trazer à luz da visibilidade social de um leitor anônimo a dominação social, racial e sexual sobre os mulatos. Uma leitura atenta e cuidadosa permite-nos ver que, juntamente com essa dominação multifacetada, existe uma discriminação de ambas as raças, quer a branca, quer a negra, que leva o sujeito-protagonista do romance a isolar-se, a exilar-se no seu íntimo:

[...] todos os dias João Xilim vem ver o sol esconder-se no mesmo sítio. E, como o sol, o mulato esconde-se também, mas da gente da sua terra. Leva para ali, para a sua ilhota do silêncio e da solidão, a confusão dos seus sentimentos. [...] Eu já pensei até demais, **mal de mim é ser mulato. Nossa raça toda a gente passa de lado. Branco está sempre a pensar que mulato é filho de um crime. [...] E preto tem vergonha da gente.** (MENDES, 1981, p. 15, 53, grifo nosso)

Igualmente, as narrativas de identidade de imigrantes moçambicanos na diáspora espelham com grande clareza essa situação de discriminação dupla:

(Júlio, emigrante/imigrante moçambicano): **Sofríamos, naquela altura, muita discriminação, via-se muito racismo** [refere-se ao homem branco, ao sistema colonial]. Muitas vezes, não podíamos partilhar dos mesmos locais públicos, como restaurantes, ou bares, ou cafés... Isso [...] provocava um certo atraso e complexo. (KHAN, 2004, p. 157, grifo nosso)

(Sandra, emigrante/imigrante moçambicana): **Houve muito racismo de negros para comigo, [...] porque eu sou mista...** Eles diziam – ‘Ah! Vão para a terra dos vossos avós, vocês são mistos, vão para a terra dos vossos avós’. (KHAN, 2004, p. 168, grifo nosso)

De fato, do silêncio sentido por João Xilim emerge o cerne do problema em ser mulato, pois o protagonista sente que “está vivendo pela metade” (MENDES, 1981, p. 47), uma metade identitária que nunca chega a ser cabalmente

preenchida pelos vínculos culturais que a constituem. Na realidade, essa herança identitária vivida pela metade, ou mesmo “à toa” (MENDES, 1981, p. 160), é, ainda hoje, sentida pelos moçambicanos entrevistados no contexto da emigração/imigração Portugal/Inglaterra. Como observa o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2001, p. 70), “o assimilado é, assim, o protótipo da identidade bloqueada, uma identidade entre as raízes africanas a que deixa de ter acesso direto e as opções de vida europeia a que só tem acesso muito restrito”.

Este moleque [refere-se a patroa branca, Dona Laura, a João Xilim] parece-me esperto demais. Além disso, é mulato. **E não gosto nada desta raça.** São mais falsos que os pretos. Por toda a parte ele encontrou gente que anda à toa. (MENDES, 1981, p. 17, grifo nosso)

(André, emigrante/imigrante moçambicano): Na minha juventude apercebia-me que eu, sendo mulato, [...] havia uma influência muito grande, principalmente quando o branco me dizia, a mim, que eu não era igual ao negro... Não só eu, como muita gente, [...] **nós não tínhamos consciência exata de sermos africanos, quais seriam os nossos valores.** Em Moçambique, nós vivíamos numa sociedade que, aparentemente, dizia-nos que não existia apartheid; mas **existia um apartheid encoberto.** (KHAN, 2004, p. 167, grifo nosso)

Exemplos dessa metáfora da identidade de fronteira (SANTOS, 2000) a que estavam votados muitos mulatos abundam quer na poesia de Craveirinha – também ele fruto de uma relação entre homem branco e mulher negra –, quer no livro de curtas histórias de Lília Momplé (1988), **Ninguém matou Suhura**, nomeadamente na história “O baile de Celina”. Atente-se, primeiro, ao pequeno extrato do poema de Craveirinha intitulado “Ao meu belo pai ex-emigrante”, do livro **Karingana ua Karingana**:

Pai:
[...]
E na minha rude e grata
sinceridade filial não esqueço
meu antigo português puro
que me geraste no ventre de uma tombazana
eu mais um novo moçambicano
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer
e seminegro para jamais renegar
um glóbulo que seja dos Zambeze do meu sangue.
(CRAVEIRINHA, 1974, p. 90)

Em **Ninguém matou Suhura**, especificamente na história “O baile de Celina”, Lília Momplé (1988) descreve o doloroso final de uma família de mulatos assimilados, na qual a mãe, Dona Violante, por acreditar ser esta a

estratégia mais idônea para superar as ambigüidades, as contradições e as humilhações confrontadas por um indivíduo mulato, se esforça por dar a sua filha, Celina, o máximo de instrução escolar. Dona Violante, que ao longo da sua própria trajetória como mulata experimentara já “a insegurança, os medos, as violentas contradições inerentes à sua condição de mulata colonizada” (MOMPLÉ, 1988, p. 41), teme o pior destino para a sua filha. Daí que, quando se tornou mãe de Celina, empreendeu todos os esforços para aproximar a sua filha do *modus vivendi* do homem branco. Sendo a única mulata a finalizar o liceu – pois, como advertia sempre Dona Violante, “Estuda filha! Só a instrução pode apagar a nossa cor” (MOMPLÉ, 1988, p. 42) –, Celina apercebe-se da tragédia da sua condição de colonizada, ainda que assimilada e bem instruída, quando é chamada pelo diretor do liceu – “homem seco e esgalgado”, “tão distante e absorto” (MOMPLÉ, 1988, p. 44-45) – e escuta, incredulamente, suas palavras despidas de emoção:

Precisamos de conversar – diz o reitor por fim, colocando a caneta em cima do mata-borrão.

Celina e o colega [único aluno de cor além dela (MOMPLÉ, 1988, p. 44)] aguardam de pé, junto à secretária, não ousando olhar um para o outro.

– Quero avisar-vos que não podem ir ao baile de finalistas – prossegue calmamente o reitor, pousando nos jovens o seu olhar ausente de míope.

Celina não pode acreditar no que está a ouvir [...].

– Sem dúvida que vocês compreendem – continua ele. – Há certas coisas que é preciso dar tempo ao tempo. Vem o senhor governador-geral e pessoas que não estão habituadas a conviver com gente de cor. Para evitar aborrecimentos de parte a parte, achamos melhor vocês não irem ao baile dos finalistas. (MOMPLÉ, 1988, p. 45)

Sirvo-me desses dois exemplos da literatura moçambicana para, com precisão e acuidade, demonstrar a angústia da identidade dilacerada, dividida, que ainda hoje muitos moçambicanos e moçambicanas sentem e que está, para sempre, memorizada nas suas caminhadas vivenciais:

(Cláudia, emigrante/imigrante moçambicana): **Os próprios moçambicanos em Portugal não vivem como moçambicanos, vivem como portugueses. [...] eles não se identificam como portugueses:** eles têm uma parte em que eles gostam das coisas em Portugal, como seja de comer, da vida social, e as condições de viver uma vida boa que, possivelmente, em Moçambique muitos perderam. [...] **a nível de [sic] valores moçambicanos, de identidade,** como um povo que é a parte negra [...] **não há identificação com Moçambique,** as pessoas não se identificam com os problemas que existe [sic] em Moçambique, [...] **estão sem identidade. Eles não são nem portugueses, porque, se formos a ver, eles não são aceites; mas não são moçambicanos, porque não se identificam, porque não fizeram de Moçambique um ponto de referência onde eles viveram.** (KHAN, 2004, p. 204, grifo nosso)

Em **Portagem**, de Orlando Mendes (1981), encontramos a chave para uma melhor compreensão e uma maior informação da falácia do regime assimilacionista colonial português, e, partindo dessa partitura, torna-se possível verificar uma ligação muito transparente entre as vozes e as narrativas reais dos emigrantes/imigrantes moçambicanos na diáspora e as experiências sociais e culturais que o escritor engajado transportou para o texto, de modo a aferir os desassossegos identitários do sujeito mulato. Complementarmente, **Milandos de um sonho**, de Bahassan Adamodjy (2001), permite-nos continuar na rota das trajetórias vivenciais desses entrevistados, ao confessar os milandos (problemas) e as desilusões que ocuparam o lugar da euforia do pós-independência em Moçambique.

Por onde andarão os heróis dos homens desnudos
as heroínas das canções marchadas em unísono
a pura sensação da liberdade conquistada à força? (JÚNIOR, 2006, p. 46)

Pas de deux moçambicano (ato II): Milandos de um sonho e narrativas de vida de emigrantes/imigrantes moçambicanos

Para muitos moçambicanos a idéia de se tornarem cidadãos de um país independente era um sonho revestido de incertezas e, ainda, sem corpo. Contudo, o dia 25 de junho de 1975 trouxe para esses homens e mulheres a euforia, a alegria de serem, parafraseando o poeta José Craveirinha (*apud* HEDGES; CHILUNDO, 1999, p. 229), cidadãos de uma nação, agora, moçambicanamente, soberana e existente. Para aqueles que testemunharam essa nova etapa da história de um país por tantos séculos colonizado, a independência foi como “uma dádiva caída do céu” (André, emigrante/imigrante moçambicano, *apud* KHAN, 2004, p. 160).

Curiosamente, essa realidade do pós-guerra colonial e da entrada de Moçambique no rol dos países africanos independentes é descrita de um modo lúcido e atento por Bahassan Adamodjy (2001) em **Milandos de um sonho**: o escritor nomeia, como espaço central para a sua criação narrativa, um bairro carente dos subúrbios da cidade da Beira, o Mussquite, no qual vivem os mussquitenses, espelhos humanos de um país africano colonizado e subjugado por um sistema que o desejava encurralado por uma ideologia que não permitia que o colono, o homem branco, fosse, em termos de direitos e deveres, igual ao nativo. Luta Continua, personagem central desse romance, um ex-combatente da FRELIMO durante as lutas de libertação nacional, chega ao Mussquite como um arauto da nova era, como o mensageiro dos ventos de mudança libertadora que se aproximam (KHAN, 2005). Luta Continua é a personificação da narrativa mobilizadora (HART, 1992), pois ele é o herói que sonhou com um país independente e por ele lutou e sofreu. De fato, Luta Continua traz no corpo e no rosto as marcas de uma guerra que visava a dar aos donos de uma

terra, que não era por eles governada, a cidadania completa de uma Nação que estava para “nascer”. Luta Continua é o homem que tinha no coração o que o poeta José Craveirinha (*apud* HEDGES; CHILUNDO, 1999, p. 229) escreveu pela pena da sua moçambicanidade acalentada: “tenho no coração / gritos que não são meus somente / porque venho de um país que ainda / não existe. / [...] Eu! / Homem qualquer / cidadão de uma Nação que ainda não existe”. Quando chega ao Mussquite, Luta Continua era ainda uma voz anônima, com aspecto “meio roto e quase como faminto” (ADAMODJY, 2001, p. 18). Não obstante a sua fisionomia composta por “uma personagem estranha, de cabelo desgrenhado, olhar fixo e desconfiado [que] aparentava fisicamente senão um conjunto de ossos do corpanzil gasto e ativo, escondido na farda desbotada e envelhecida” (ADAMODJY, 2001, p. 18), Luta Continua é o messias da revolução moçambicana que os ventos da libertação trouxeram aos habitantes do Mussquite. Diegeticamente, Bahassan Adamodjy (2001) faz dessa personagem, pelas suas ações e falas, o Homem Novo, ideal-tipo dentro de uma sociedade que se desejava livre de preconceitos raciais, tribais, étnicos e culturais. Observe-se, por exemplo, a fala de Luta Continua durante um dos habituais comícios coletivos que na época do pós-guerra de libertação nacional eram organizados, servindo, dessa maneira, ao processo de mobilização popular e conscientização política das massas:

Ganhamos terra, mas num é para ficar sentado no lugar dos colonos português, é para fazer igualdade e trabalhar. É para trabalhar e construir Moçambique novo. Construir Moçambique novo, significa acabar com racismo; acabar com exploração do homem pelo homem; acabar com pobreza. – E gritou alçando a mão de punho fechado: – Viva Frelimo que une e organiza o povo! (ADAMODJY, 2001, p. 125)

Unindo-se à fala celebrativa de Luta Continua, também muitos dos entrevistados, hoje residentes no universo da emigração/imigração Portugal/Inglaterra, revisitam as suas memórias e trazem ao paladar das suas narrativas esses momentos de engajamento e de carinho pela construção de uma nova sociedade moçambicana. Nas entrevistas surge, de uma maneira recorrente, o adjetivo “engajado(a)”, herdado durante o sistema colonial português, assim como uma reiteração, diria quase estratégica, da palavra “moçambicano” como meio de se reformularem nas suas experiências identitárias e de se recomporem do exílio identitário:

(Sofia, emigrante/imigrante moçambicana): Ao princípio, até direi, estava **engajada** no processo da independência, porque eu também estava, realmente, com vontade que Moçambique se tornasse um país independente, um país livre para **nós, moçambicanos**, desenvolvermos aquilo que nós considerávamos que era **nosso**. (KHAN, 2004, p. 161, grifo nosso)

Agostinho, emigrante/imigrante moçambicano): Moçambique é para os **moçambicanos**, são os **moçambicanos** que têm de reinar, são os **moçambicanos** que têm de criar *rules* naquele país, são os **moçambicanos** que têm de levar aquilo para a frente. (KHAN, 2004, p. 161, grifo nosso)

No entanto, paulatinamente, silenciam-se a força, a fé e o entusiasmo revolucionários do projeto de criação de uma nova sociedade moçambicana. De um modo exemplar, a atual poesia moçambicana questiona o porquê dessa morte de uma revolução que estava tão arraigada e aconchegada nos corações dos moçambicanos. Esse questionamento provém, atualmente, da voz poética de Guita Júnior, ao confessar, pungentemente, o rosto de um eu, intimamente, exilado:

Ter vontade de partir
 aguçar as iras que me contêm
 plantar a infância que as crianças nunca tiveram
sacudir a poeira dos ideais encardidos. (JÚNIOR, 2006, p. 39, grifo nosso)

Em **Milandos de um sonho** (ADAMODJY, 2001), Luta Continua, protagonista da diegese, silencia-se, mas não pela sua voz e sim, porque se tornam inaudíveis e imperceptíveis, para o povo do bairro do Mussquite, os valores que esse guerreiro representa e personifica. Para muitos dos habitantes, ergue-se uma nova demanda, esta guarnecida de vinganças, de demonstrações infundadas de poder, e de ambições que procuram imitar o deposto *modus vivendi* da burguesia colonial:

Tal era o fosso que se começava a abrir entre dirigentes e dirigidos. As estruturas do poder popular ambicionavam comer e beber da mesma forma como a burguesia colonial comia e bebia, só que os camaradas do poder popular, majoritariamente originários do povo, comiam e bebiam com gosma [...]. Se bem que originários do povo e pelo povo, a distância que os começava a separar já era medível pela ambição que cultivavam no seu dia-a-dia. Luta Continua, com os seus sonhos e suas utopias, começava a ficar definitivamente para trás [...]. (ADAMODJY, 2001, p. 415-416)

De um modo semelhante, também para aqueles que abraçaram a construção do Moçambique independente tornaram-se, como diz o poeta Guita Júnior (2006, p. 39), “encardidos” e amachucados os ideais. Para os moçambicanos e moçambicanas entrevistados, esses ideais foram mutilados pelos próprios dirigentes da FRELIMO e, desse modo, colocados no baú do esquecimento e da inoperância política. Enfim, todos esses emigrantes/imigrantes podem, no papel da vida real, também ser o Luta Continua de **Milandos de um sonho** (ADAMODJY, 2001).

(Helena, emigrante/imigrante moçambicana): O problema não era a FRELIMO; o problema era os dirigentes. A ideologia era boa; agora, os políticos, os dirigentes que estavam à frente não souberam aplicar na prática essa ideologia. (KHAN, 2004, p. 162)

O confronto identitário com uma moçambicanidade recém-nascida é doloroso. Emerge, silenciosamente, a vontade de partir; o exílio identitário e o pátrio tornam-se incontornáveis, porque esse Moçambique que arde em instabilidade,

pobreza e insegurança não é mais aquele pedaço de terra onde, como assevera um dos entrevistados, “[...] era bom de se viver. Recebia-se pouco, mas dava para viver” (Joana, emigrante/imigrante moçambicana). Era plausível para esses sujeitos fechar os olhos e negar a urgência do projeto de deixar o solo de origem? A partir de 1976, foram muitos os que optaram por sair, partir do seu solo moçambicano. Todavia, como observou Cioran (1986), a escola do exílio é uma vertigem, e a esse fatalismo vertiginoso esses entrevistados não puderam escapar, pois Portugal, essa metrópole imperial, além-mar, não era tão magistral quanto a sua imaginação pôde construir durante a presença colonial portuguesa em Moçambique. Portugal representou o lugar-comum da língua, somente isso. A partir daí, a experiência da sobrevivência e a luta por um dia-a-dia economicamente estável mapearam as trajetórias de vida e de identidade dos emigrantes/imigrantes moçambicanos na diáspora (KHAN, 2004).

A memória longínqua de uma pátria
Eterna mas perdida e não sabemos
Se é passado ou futuro onde a perdemos. (BREYNER, 2003, p. 9)

Conclusão

Ao acompanhar o diálogo rico entre as narrativas de vida e de identidade dos entrevistados moçambicanos no espaço da emigração/imigração Portugal/Inglaterra e as contribuições literárias emergentes das obras **Portagem**, de Orlando Mendes (1981), e **Milandos de um sonho**, de Bahassan Adamodjy (2001), foi possível sentir que o exílio pode ser compreendido como o fechar de uma porta. Mas também é verdade que a experiência do exilar-se ultrapassa tudo o que é, aparentemente, linear e lógico, pois mediante a leitura cruzada das narrativas reais e ficcionais verificou-se que o projeto do abandonar-se, ou o ato de sair, deixar algo/alguém para trás, não pode ser encarado como um ato completo. Por vezes, partir é ficar, e permanecer é partir. Na realidade, a relação entre as narrativas de vida e de identidade e os relatos ficcionais mostra-nos como o processo/projeto de sair é, simultaneamente, uma apropriação do “exílio”, por parte dos sujeitos, como uma narrativa identitária forjada a partir de uma vontade quer íntima, “pois que partir é também ficar, partindo-se” (LEITE, 2006, p. 15), quer traduzida num fenômeno de extraterritorialização física. Por que física? Porque, muitas vezes, parte-se apenas fisicamente do lugar de origem, deixando-se a memória nele ancorada. Ao viajar narrativamente com esses homens e mulheres moçambicanos, as palavras revivem um Moçambique que atualmente não existe, porque os tempos mudaram, as vozes sociais são outras. Mas a pátria da alma que as emoções e a nostalgia fotografaram na casa do ser, essa é trazida de volta, alheia ao espaço exílico, sempre

que a vontade pede esse pedaço de terra banhado pelo Índico. Apesar do exílio, há, construtivamente, um sorriso malicioso iluminado pela memória desafiadora perante o “mundo da vida” (KUNDERA, 1987, p. 18), pois esse exilar-se nunca é, como observou Said (1990, p. 366), “placid”.

Abstract

This paper aims to shed light on Mozambican African immigrants' life and identity narratives in the diasporic experience of Portugal/England emigration/immigration (KHAN, 2004). It focuses on Mozambican literature, namely the works of Orlando Mendes' **Portagem** (1981), and Bahassan Adamodjy's **Milandos de um sonho** (2001), in a theoretical and methodological viewpoint based on the so-called *la sociocritique de texts*, an approach that concerns social meanings of the text and the relation between society and literature (ANGENOT, 1992; DANTAS, 2000; DUCHET, 1979).

Key words: Identity hybridism; Acculturation; Life and identity narratives.

Referências

- ADAMODJY, Bahassan. **Milandos de um sonho**: a euforia dos sonhadores. Lisboa: Quetzal, 2001.
- ANGENOT, Marc. Que peut la littérature?: sociocritique littéraire et critique du discours social. In: NEEFS, Jacques; ROPARS, Marie-Clair. **La politique des textes**: enjeux sociocritiques. Paris: Press Universitaires de Lille, 1992. p. 9-27.
- BREYNER, Sophia de Mello. **Obra poética**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- CIORAN, E. M. **La tentation d'exister**. Paris: Gallimard, 1986.
- CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. Lourenço Marques: Edição da Académica, Maio, 1974.
- DANTAS, Marta Pragana. O que pode a sociologia da literatura pela literatura?: ou da separação entre as análises interna e externa. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 2, p. 1-11, nov. 2000.
- DIAS, Carmen Lydia de Sousa. O instante implacável da consciência em Portagem, de Orlando Mendes. **África**: literatura, arte e cultura, Lisboa, n. 12, p. 67-78, dez. 1985/fev. 1986.
- DUCHET, Claude. Positions et perspectives. In: DUCHET, Claude (Dir.). **Sociocritique**. Paris: Nathan, 1979. p. 3-8.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa – II**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

GOENHA, Agostinho M. **A função simbólica da personagem**: as manifestações semânticas das personagens em **Portagem**, de Orlando Mendes, e **A estranha aventura**, de Guilherme de Melo. Maputo: Associação Moçambicana da Língua Portuguesa, 2002.

GUITA JÚNIOR, F. **Os aromas essenciais**. Lisboa: Caminho, 2006.

HART, Janet. Cracking the code: narrative and political mobilization in the Greek resistance. **Social Science History**, v. 16, n. 4, p. 631-668, Winter 1992.

HEDGES, D.; CHILUNDO, A. A contestação da situação colonial, 1945-1961. In: HEDGES, David (Coord.). **História de Moçambique**: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1999. v. 2, p. 197-249.

KHAN, Sheila. **African Mozambican immigrants**: narrative of immigration and identity, and acculturation strategies in Portugal and England. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Culturais) – University of Warwick, Centre for Research in Ethnic Relations, Reino Unido.

KHAN, Sheila. Milandos de um sonho: contribuições literárias para o entendimento da emigração moçambicana para Portugal. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 8., 2005, Santiago de Compostela. **Anais...** Santiago de Compostela: Associação Internacional de Lusitanistas, 2005. (artigo submetido para publicação)

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

LEITE, Ana Mafalda. Esta linha do horizonte que há em meu peito [prefácio]. In: GUIITA JÚNIOR, F.. **Os aromas essenciais**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 11-15.

MAALOUF, Amin. **Origens**. Lisboa: Difel, 2004.

MENDES, Orlando. **Portagem**. Lisboa: Edições 70, 1981.

MOMPLÉ, Lília. **Ninguém matou Suhura**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988.

PENVENNE, J. We are all Portuguese!: challenging the political economy of assimilation – Lourenço Marques, 1870-1933. In: VAIL, Leroy (Ed.). **The creation of tribalism in Southern Africa**. London: James Currey, 1989. p. 255-88.

ROBIN, Régine. Pour une socio-critique de l'imaginaire social. **Discourse Analysis and Text Sociocriticism**, v. 5, n. 1-2, p. 7-32, 1993.

ROCHA, Clara. **As máscaras de Narciso**. Coimbra: Almedina, 1992.

ROSA, António Ramos. **Pátria Soberana seguido de Nova Ficção**. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2001.

SAID, Edward. Reflections on exile. In: FERGUSON, Russel *et al.* (Ed.). **Out there**: marginalization and contemporary cultures. Cambridge: MIT Press, 1990. p. 357-366.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Prospero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa (Org.). **Entre ser e estar**: raízes, percursos e discursos da identidade. Porto: Afrontamento, 2001. p. 23-85.

SILVA, Calane da. Prefácio. In: GOENHA, Agostinho M. **A função simbólica da personagem**: as manifestações semânticas das personagens em **Portagem**, de Orlando Mendes, e

A estranha aventura, de Guilherme de Melo. Maputo: Associação Moçambicana da Língua Portuguesa, 2002.

SOMERS, Margaret. Narrativity, narrative identity, and social action: rethinking English working-class formation. **Social Science Theory**, v. 16, n. 4, p. 591-630, 1992.

SOMERS, Margaret. The narrative constitution of identity: a relational and network approach. **Theory and Society**, n. 23, p. 605-649, 1994.

SOMERS, Margaret; GIBSON, Gloria D. Narrative and social identity. In: SOMERS, Margaret; GIBSON, Gloria D. **Social theory and the politics of identity**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. p. 37-99.

VIEHOFF, Reinhold. Literature and cultural identity: a social-constructivist approach to the constitution of social identity through literature. In: LOSA, Margarida *et al.* (Org.). **Literatura comparada: os novos paradigmas**. Porto: Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1996. p. 309-315.